

BOAS PRÁTICAS AGROPECUÁRIAS NA CADEIA LEITEIRA DO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

BRUNA ZART; PAOLA DE AVILA ANTUNES²; TARSO SOARES ROSA²;
ROGÉRIO FÔLHA BERMUDES³

¹Universidade Federal de Pelotas, NutriRúmen, DZ/FAEM – bruunazart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, NutriRúmen, DZ/FAEM

³ Universidade Federal de Pelotas, NutriRúmen, DZ/FAEM– rogerio.bermudes@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cadeia leiteira é de grande importância econômica e social no Brasil. Além de ser fonte de renda para milhares de famílias, é responsável pela produção de insumos essenciais na alimentação humana, por ser uma das principais fontes de proteína e cálcio na dieta (EMBRAPA, 2020). Contudo, ao longo dos anos, a sociedade e a indústria vem exigindo uma maior qualidade desses produtos lácteos, o que acaba impactando no processo de produção em que o produtor adota no seu dia a dia (SOARES, 2013).

Além do mercado consumidor exigir produtos de boa procedência, o produtor precisa atender os parâmetros que a legislação brasileira impõe por meio das normativas. Atualmente, se tem em vigor a IN76, que entrou em vigor em junho de 2019, e prevê limites máximos aceitáveis na CCS, para assim, manter a identidade e a qualidade do leite.

Para garantir um produto seguro e de qualidade aos consumidores, as Boas Práticas Agropecuárias (BPAs) devem ser aplicadas durante a rotina de ordenha. As BPAs são o conjunto de medidas adotadas, que garantem uma produtividade de sucesso (PAZ, 2016). Uma vez que fatores como sanidade e manejo podem influenciar na composição do leite.

O objetivo do presente trabalho, foi avaliar as boas práticas utilizadas dentro das propriedades com base no material coletado, para assim implantar melhorias nessas propriedades, proporcionando ao produtor uma maior lucratividade e produtos de qualidade.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com 37 produtores de leite da região Sul do Rio Grande do Sul, onde todos possuíam acompanhamento técnico em sua propriedade.

Os 37 produtores receberam um questionário que apresentavam 9 questões envolvendo Boas Práticas no Controle de CCS do seus rebanhos. Estas perguntas eram de objetivas onde os produtores deveriam responder SIM ou NÃO, foram divididas as perguntas em 5 grupos, sendo: 1- Rebanho, contendo 3 questões relacionadas ao descarte de animais com mastite crônica, se havia piquetes separados para vacas em lactação e para vacas secas e se o processo de secagem dos animais ocorria no mínimo 60 dias antes do parto; 2- Ordenha, com 4 questões que se referiam a realização de pré e pós-dipping, se realizavam o teste da caneca de fundo preto antes de cada ordenha e se faziam *California Mastite Test* (CMT) ou CCS individual para identificar os animais com mastite subclínica;

3- Tratamento, com 3 perguntas, ondem eram questionados se os animais eram pesados antes do tratamento para definir a dosagem, se o tratamento era feito por indicação de um médico veterinário e se durante o período seco os animais eram tratados com medicamentos de longa ação; 4- Medicamentos, com apenas uma pergunta que abordava se na propriedade havia a separação dos medicamentos para vacas em lactação dos animais que estavam em período seco; 5- Marcação apresentando 2 questões que abordava se os animais em período de colostro ou em tratamentos eram marcados e identificados.

Os dados obtidos nos questionário foram tabulados em uma planilha no Excel. Em seguida, foram feitas médias com os dados computados, e posteriormente para a melhor visualização dos resultados foi elaborado um gráfico de barras.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a obtenção de produtos de boa procedência, o produtor necessita efetuar alguns cuidados com a sanidade da glândula mamária, manejo adequando durante os processos de ordenha e a devida atenção com a higienização dos animais e dos equipamentos (LANGE et al., 2017). Essas práticas devem ser observadas, tanto para obtenção de resultados favoráveis, bem como, para que o produtor receba a bonificação dada pela indústria para aqueles que atendam os parâmetros, e como forma de influenciar os produtores a terem um maior cuidado com manejo, saúde, nutrição e higienização dos seus rebanhos (PAZ, 2016). Na Figura 1, podemos analisar as respostas dadas pelos produtores referentes a aplicação da Boas Práticas Agropecuárias em suas propriedades.

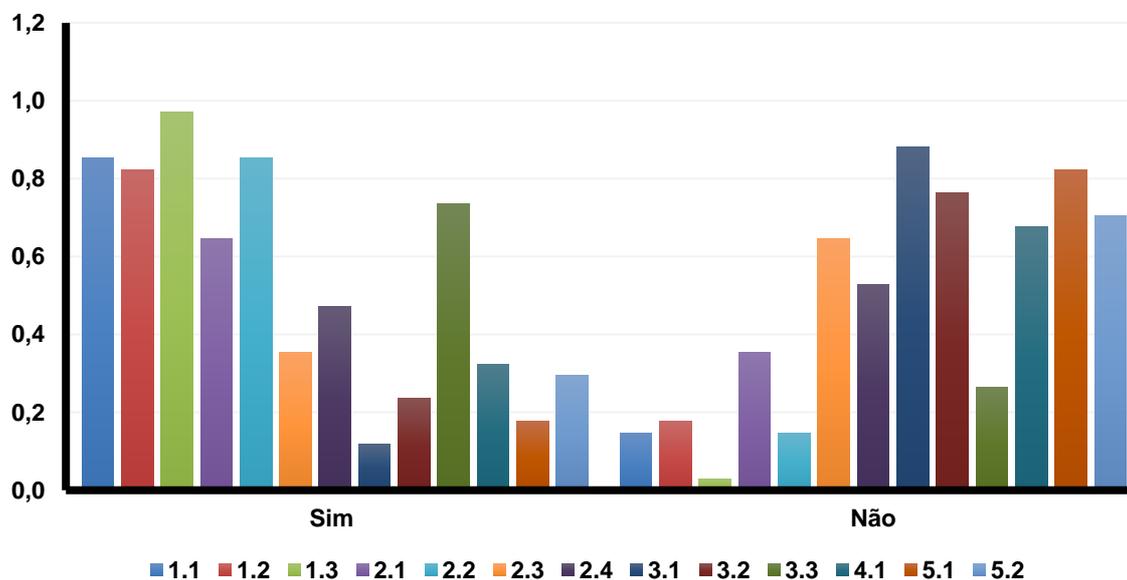


Figura 1- Resposta sobre BPA's

1.1, 1.2 e 1.3 – Rebanho; 2.1, 2.2,2.3 e 2.4 – Ordenha; 3.1,3.2 e 3.3 – Tratamento; 4.1 – Medicação; 5.1 e 5.2 – Marcação.

Os proprietários receberam o questionário, no grupo 1, foram questionados sobre os seus rebanhos, onde, 85,3% responderam que fazia o descarte dos animais com mastite crônica. As vacas que estavam em lactação ou secas, eram

colocadas em piquetes separados por 82,4% deles. Os animais eram secos por no mínimo 60 dias antes do parto por 97,1% dos produtores (Figura 1).

As perguntas relacionadas a ordenha estavam no grupo 2, em que foram questionados sobre os procedimentos fundamentais para a prevenção da mastite e da contaminação do leite. O pré-dipping, processo de desinfecção dos tetos, antes de cada ordenha, era realizado por 64,71% dos produtores. O pós-dipping, procedimento realizado após a ordenha, onde os tetos são postos em solução desinfectante, para evitar a contaminação de agentes infecciosos, eram executados por 85,29% (Figura 1).

O teste de caneca de fundo preto, realizado com os primeiros jatos de leite, com objetivo diagnosticar a mastite clínica não era feito por 64,71%. O *California Mastite Test* (CMT) é fundamental para o diagnóstico de mastite subclínica, contudo, 52,94% deles também não efetuava o teste ou coletava a CCS individual, para que o animal fosse ordenhado por último.

O grupo 3 era relacionado ao tratamento dos animais, onde 88,24% não pesava os animais antes do tratamento para definir a dosagem. Ainda, 76,47% deles indicaram que o tratamento dos animais não era feito por indicação dos veterinários (Figura 1). Esses manejos inadequados causam danos aos animais e ainda prejuízo financeiro, pois uma dosagem inadequada pode não resolver o problema do animal, sendo em muitos casos necessário novo tratamento, o que acaba gerando custo, ou ainda causar intoxicação a esse animal.

Sobre os animais em período seco, 73,53% afirmaram que realizavam tratamento com medicamentos de longa ação durante o período seco (Figura 1). Esse tratamento é de suma importância na prevenção e eliminação de patógenos da mastite, pois apresenta respostas terapêuticas mais eficientes (LANGONI et al., 2017).

O grupo 4 é sobre os medicamentos dentro das propriedades, onde, 67,65% dos produtores não realizavam a separação dos medicamentos de vacas secas dos medicamentos de vacas em lactação (Figura 1). Sendo um ponto bem preocupante, pois os medicamentos apresentam princípios ativos e tempos de tratamentos diferentes, com um descuido pode acabar contaminando o leite, e ainda causando prejuízo, visto que se vai para o caminhão, o produtor terá que pagar pelo tanque todo.

A identificação e marcação do rebanho nas propriedades é questionado no grupo 5, contudo, 82,35% não marcava nem identificava os animais em período de colostro dos animais em lactação, e ainda 70,59% não marcava nem identificava os animais em tratamento (Figura 1). Sendo assim, um problema, visto que esses fatores podem impactar diretamente na qualidade e na composição do leite, assim, o produtor pode acabar não recebendo a bonificação que a indústria.

4. CONCLUSÕES

Como pode ser observado, dentre os entrevistados, os produtores efetuam algumas das boas práticas agropecuárias durante a produção. Contudo, ainda há algumas falhas bem como pontos críticos na hora do manejo, higienização e cuidado com os tratamentos dos animais, que acabam impactando na qualidade e na produtividade dessas propriedades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMBRAPA. **Cadeia produtiva do leite no Brasil: produção primária.** Embrapa, Juiz de Fora/ MG, agosto/2020. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/215880/1/CT-123.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

LANGE, M. J.; ZAMBOM, M. A.; POZZA, M. S.S.; et al. Tipologia de manejo de ordenha: análise de fatores de risco para a mastite subclínica. **Pesq. Vet. Bras.** 37(11):1205-1212. 2017.

LANGONI, Helio; SALINA, Anelise; OLIVEIRA, Gabriela Capriogli; JUNQUEIRA, Nathália Brancato; MENOZZI, Benedito Donizete; JOAQUIM, Sâmea Fernandes. Considerações sobre o tratamento das mastites. **SciELO: Pesquisa Vet. Bras.**, [s. l.], v. 37, ed. 11, p. 1261-1269, Nov 2017. DOI 10.1590/S0100-736X2017001100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/T7rLVhnbtGbyh85kFLtqPnN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PAZ, E. M. **Adoção de Boas Práticas Agropecuárias no Manejo de Ordenha e seu Impacto sobre a CBT e CCS do Leite.** 2016. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharel em Zootecnia. Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOARES, Frederico Aécio Carvalho. **COMPOSIÇÃO DO LEITE: FATORES QUE ALTERAM A QUALIDADE QUÍMICA.** 2013. 7f. Seminário (Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lacvet/site/wp-content/uploads/2013/10/leiteFred.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.